

POSSIBILIDADES DE LEITURA E ESCRITA A PARTIR DA MÚSICA

Agenor Francisco de Carvalho¹

Este artigo relata experiência interdisciplinar com estudantes do 2º ano do Ensino Médio do Instituto Federal de Rondônia, Colorado d'Oeste (IFRO/Col). Partindo da dificuldade em leitura, compreensão, produção e interpretação em Língua Portuguesa, Biologia, Artes, Geografia e Sociologia, propôs-se a abordagem interdisciplinar utilizando-se a música. Com base nos estudos de Fazenda (2008), Giroux (1999), Magnani (2001), Moura (2009), Kleiman (2007), Vigotsky (2004) e outros foi desenvolvido o projeto “música em sala”, obtendo-se resultados significativos. O conceito de interdisciplinaridade está em voga, há décadas, na literatura educacional. No Brasil, porém, vem sendo incorporado aos norteadores educacionais desde a década de 1970. Articulando-se à noção de integração, na contemporaneidade, torna-se um ponto fulcral no discurso da educação, notadamente quanto ao Ensino Médio. Observando-se que tal conceito, é denominado nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) como eixo organizador, assim também inscrito na Lei 9.394/96 (LDB).

A LDB (art. 27) também definiu que os conteúdos curriculares da educação básica deverão difundir “valores fundamentais ao interesse social, aos direitos e deveres dos cidadãos, de respeito ao bem comum e à ordem democrática”. [...] Espera-se da escola fundamental que adapte seus programas à nova visão curricular, que enfatiza a abordagem interdisciplinar do conhecimento e recupera as discussões sobre ética e moral, que foram afastadas do âmbito da ciência durante a modernidade (KLEIMAN, 2007, p. 42).

Trabalhar com propostas interdisciplinares constitui um desafio permanente aos professores na educação contemporânea. Dada às experiências solitárias, algumas tentativas vêm sendo frustradas. Equivoca-se ao isolar o conhecimento por áreas, fragmentando-o cada vez mais, quando o objetivo é justamente aproximar, articular, unir. Partindo-se do problema característico das diversas áreas do conhecimento – a interpretação de textos, poderia o educador trabalhar a leitura, análise, compreensão e finalmente a sua interpretação. De maneira a instrumentalizar os estudantes do Ensino Médio a dominarem os textos, entretanto, incorreria mais uma vez na fragmentação, reforçando o paradigma da existência de linguagens próprias e herméticas de cada uma das áreas.

O termo interdisciplinaridade, embora autoexplicativo, estabelece as relações que possam existir entre duas ou mais disciplinas ou ramos do conhecimento. Contudo, para evitar fracassos em projetos interdisciplinares, é necessário solidificá-los numa nova estratégia de pensar a educação, respeitando-se as peculiaridades de cada disciplina, articulando-as num diálogo integrador de projetos coletivos. Não se trata de ceder os espaços conquistados por cada área, mas encontrar novos caminhos que os interliguem conduzindo-os nas noções de unidade de conhecimento.

A característica que marca os estudos das práticas interdisciplinares sustenta a afirmação de que a interdisciplinaridade é possível por sua capacidade de adaptar-se ao contexto vivido, reafirmando o respeito às questões do que se apresenta como realidade contextual [...]. A interdisciplinaridade se sustenta na base da leitura da realidade tal como ela é, assumindo suas nuances e singularidades, bem como a diversidade presente (FAZENDA, 2008, p. 118).

¹ Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS/CPCX. Coxim-MS. E-mail: agenor.carvalho@ufmt.br.

A pedagogia de projetos “oferece aos professores a possibilidade de reinventar o seu profissionalismo, de sair da queixa, [...] da fragmentação de esforço para criar um espaço de trabalho cooperativo, criativo e participativo” (BARBOSA, 2008, p. 58) ". Dessa maneira observa-se que o educador ao utilizar a pedagogia de projetos interdisciplinares, certamente estará pensando nos interesses coletivos, orientando a leitura com e por prazer, como um instrumento do conhecimento e da formação.

Uma das fortes linhas de tessitura desse emaranhado de retalhos existentes na grade curricular da Educação Básica é justamente a Língua Portuguesa, pois é ela que permeia por todas as áreas, é a base da leitura e escrita e, nos tempos contemporâneos vem sendo colocada em segundo plano. “Na interdisciplinaridade escolar, as noções, finalidades habilidades e técnicas visam favorecer, sobretudo o processo de aprendizagem, respeitando os saberes dos alunos e sua integração” (FAZENDA 2008, p. 21). A estratégia de utilizar-se da interdisciplinaridade não apenas oferece a possibilidade de resgate do ser humano e, com a síntese projetando-se no mundo, mas também oportuniza a reflexão a respeito de atitudes, “e não um simplesmente um fazer” (FAZENDA 2008, p. 66).

O ensino da Língua Portuguesa tem sido um desafio permanente. Dada às peculiaridades da disciplina, algumas alternativas vêm sendo apresentadas, mas que ainda representam mais uma atividade cansativa. Magnani (2001, p. 95) revela que essa é a rotina de algumas escolas, em razão de alguns docentes usarem a leitura em atividades que se afastam do prazer, tais como: exercícios gramaticais, questionário de leitura para repreender o aluno e até mesmo para preencher o tempo vago. Por outro lado há alguns professores que observaram a relevância da leitura em sala de aula e buscam trabalhar com projetos de leitura.

É sempre bom lembrar que a prática de leitura de textos, assim compreendida, deve fazer parte de todas as disciplinas que compõem o currículo escolar. Um texto de História ou de Ciências não é verdade imutável à qual não se aplique o conceito de leitura antes explicitado. Usando da linguagem escrita, esses textos também estão sujeitos às mesmas normas de funcionamento social do signo linguístico (MAGNANI, 2001, p. 50).

Em razão dos problemas apresentados por alunos do segundo ano do IFRO, cuja dificuldade em leitura, análise, compreensão e interpretação dos textos provocavam desmotivação e fraco desempenho, foi idealizado o projeto em reunião pedagógica, no começo de 2013. Verificou-se que: as questões de compreensão e interpretação causavam dificuldades para os estudantes, eram recorrentes resultando no déficit apresentado. Propôs-se a intervenção através de um projeto interdisciplinar utilizando-se da música. Optou-se por aprofundar a pesquisa com base no conceito de interdisciplinaridade descrito por Fazenda (2008), pois o considera como uma questão de atitude, justamente porque dialoga com os sentidos e significados definidos por Gusdorf (2006) e Japiassu (1993), possibilitando ir ao encontro de uma ação interdisciplinar. Professores das disciplinas de Língua Portuguesa, Biologia, Artes, Geografia e Sociologia aceitaram o desafio. Realizaram-se estudos para a construção do marco teórico, compreendendo-se a escola como espaço coletivo de construção, desconstrução e reconstrução permanente do conhecimento,

Como locais de contestação e produção cultural, as escolas incorporam representações e práticas [...]. Intimamente relacionada com o poder, a linguagem funciona para posicionar e constituir a maneira pela qual professores e estudantes definem, medeiam e compreendem sua relação uns com os outros e com a sociedade mais ampla (GIROUX 1997, p. 205).

Desenhou-se o projeto coletivo, optando-se em utilizar-se da música como fator motivacional. Após diversas ideias apresentadas, definiu-se que cada disciplina trabalharia com textos específicos da sua área, todavia haveria um amplo diálogo, com a reescrita do texto parodiando-se alguma música de preferência do grupo de estudantes. A aula inicial seria com os professores envolvidos no projeto, abordando aspectos arte e da música, sua história na evolução da humanidade, diferentes ritmos, métrica, rimas, instrumentos musicais, paródia, texto, hipertexto, bem como o entendimento do que é arte. A opção em utilizar-se da música como base do projeto fundamentou-se em Vigotsky (2004):

Se o destino de um quadro consistisse apenas em afagar o nosso olho e o da música em provocar emoções agradáveis ao nosso ouvido, a percepção dessas artes não apresentaria nenhuma dificuldade e todos, com exceção dos cegos e surdos, estariam igualmente chamados a perceber essas artes. [...] “Distrair os nossos sentimentos”, diz Christiansen, “não é o objetivo final da intenção artística. O principal na música é o que não se ouve, nas artes plásticas o que não se vê nem se apalpa” (VIGOTSKY 2004, p. 332-333).

No segundo momento, haveria a leitura dos textos específicos da disciplina, com a rotina de aulas dialogadas, análise, discussão e debate. Após, o professor desenharia um mapa textual, utilizando-se dos conceitos indicados por cada grupo. Pois “o conhecimento do mundo o aluno tem, e pode ser ativado [...]. Daí a necessidade do mapa textual para guiá-lo” (Kleiman, 2007, p. 57). Divididos em grupos, no decorrer da semana buscariam uma música de sua preferência e fariam uma paródia tendo por base o mapa textual construído.

Seria feita a produção escrita da paródia de uma música com o tema. As paródias seriam trabalhadas nas aulas de Língua Portuguesa, analisando-se os aspectos linguísticos, semânticos e gramaticais, indicando-se acentuação e pontuação corretas. Na sequência seriam declamadas pelos alunos, escolhendo-se através de votação a melhor letra. Ao final de cada mês seria realizado um concurso para escolha da música do mês. Tal música no final do semestre concorreria para a escolha da campeã.

Os estudantes passaram a adaptar letras das suas músicas prediletas, dando preferência às sertanejas, até por que o maior público da escola é composto por filhos de camponeses. Foram produzidas paródias com base em obras de Lima Barreto, Euclides da Cunha, Augusto dos Anjos e Monteiro Lobato; abordou-se a linguagem verbal e não verbal, coesão e coerência textuais; concordância; orações coordenadas; culturas e povos indígenas; agricultura e desenvolvimento sustentável; meio ambiente, ética e biotecnologia; hereditariedade; biodiversidade; cultura popular e erudita; processos democráticos e movimentos sociais.

Uma das letras de maior aceitação foi da música “cuitelinho” (1932), de Bento Costa, divulgada por Paulo Vanzolini e cantada por Almir Sater. A qual foi tema para linguagem, meio ambiente, culturas, dentre outros. Outras músicas parodiadas foram: Vida de gado de Zé Ramalho, Construção de Chico Buarque, Planeta água de Guilherme Arantes. Confirmando-se o que diz Lima (2006) “ficamos realmente surpresos com a satisfação que alguns dos sujeitos expressaram diante da tarefa de escrever [...] atividade normalmente execrada [...] como ‘odiosa’ e ‘traumática’”. Observou-se que “o equilíbrio entre o disciplinar e o interdisciplinar é necessário, pois as áreas específicas possuem um cabedal de conhecimento acumulado ao qual o aluno deverá também ter acesso” (KLEIMAN, 2007, P. 43). Sendo possível um projeto interdisciplinar com base na música. Foi extremamente prazeroso ver a dinâmica e motivação despertada nas disciplinas envolvidas, os alunos passaram a produzir paródias e cantar nos pátios e corredores. Interessante ver que mesmo depois de terminadas as aulas, eles continuavam a praticar os ensinamentos. Isso somado à motivação e desempenho expressivos.

Efetivando assim, a melhoria da leitura e escrita dos estudantes com o uso da música. A música “Cuitelinho” (1932) foi a de maior aceitação por parte do público e aclamada como campeã. Sua letra original:

Cheguei na beira do porto onde as ondas se 'espaia'
As 'garça' dá meia-volta e senta na beira da praia
E o cuitelinho não gosta, que o botão de rosa caia
Aí quando eu vim da minha terra despedir da 'parentaia'
Eu entrei no Mato Grosso bem em terras Paraguaiais
Lá tinha revolução, enfrentei forte 'bataia'
A tua saudade corta como aço de 'navaia'
O coração fica 'afrito', uma bate a outra 'faia'
Os 'zoio' se enchem d'água que até a vista se 'atrapaia'
A tua saudade corta como aço de 'navaia'
O coração fica 'afrito', uma bate a outra 'faia'
Os 'zoio' se enchem d'água que até a vista se 'atrapaia' (BENTO COSTA, 1936)

Foi parodiada e assim ficou:

Cheguei ao Instituto pra estudar as orações que 'atrapaia'
As 'traça' comem meu livro, mas não me fazem passar raiva
E o 'agricolino' não gosta, de tirar uma nota baixa
Aí para que as coordenadas sindéticas não mais me "distraia"
Eu li: aditivas, adversativas, alternativas, conclusivas ou explicativas, até que a noite caia
Lá, bem nas aditivas: Não fui ao Rio nem ao Himalaia
As adversativas: A faca é velha, mas corta como aço de 'navaia'
Na alternativa: No coração 'afrito', uma bate ou a outra 'faia'
A Conclusiva: Os 'zoio' se enche d'água, logo as 'vista' se 'atrapaia'
E as explicativas: A nota foi boa, porque estudei até que a noite caia. (2º ano do EM/IFRO, 2013)

Os alunos puderam mergulhar no universo musical. Mas aproveitaram desse desafio, reconhecendo a “cultura popular como uma base importante de conhecimento, dando expressividade” (GIROUX, 1999, p. 212). Os professores puderam desenvolver uma pedagogia que vinculasse o conhecimento da escola “com as diferentes relações de sujeito que ajudam a constituir as vidas cotidianas dos alunos” (GIROUX, 1999, p. 212). Sem o trabalho interdisciplinar corria-se o risco de um ensino,

[...] da língua empobrecido, restringindo-se ao formal. [...]; a comunicação torna-se sem expressão e a expressão sem comunicação; os livros didáticos garantem a memorização e as regras gramaticais "por elas mesmas" reprisadas em exercícios estéreis. O som, as mãos, as formas, as cores, os espaços, os materiais plásticos não fazem parte da programação; as expressões são vazias, a linguagem desordenada, o corpo ausente (FAZENDA, 2003, p. 60).

“Música em sala” ajudou a eliminar barreiras entre as disciplinas. Embora ousado, por ser uma tentativa de romper com um ensino morto, distante dos olhos e oferecer uma reflexão (FAZENDA, 2008, p. 87), foi uma possibilidade significativa de colocar em prática a pedagogia de projetos interdisciplinar, comprovando-se a sua importância ao observar a melhoria

considerável do desempenho dos estudantes, não apenas nas disciplinas envolvidas, mas também nas demais.

Referências

FAZENDA, Ivani (Org.). **O que é interdisciplinaridade?** São Paulo: Cortez, 2008.

GIROUX, Henry A. **Cruzando as fronteiras do discurso educacional:** novas políticas em educação. Tradução de Magda França Lopes. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

_____. **Os professores como intelectuais** – rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. Tradução de Daniel Bueno. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

MAGNANI, Maria do Rosário Mortatti. **Leitura, literatura e escola.** 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MOURA, Dácio Guimarães de. **Trabalhando com projetos.** 4 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

VIGOTSKY, Lev Semenovich. **Psicologia pedagógica.** Tradução de Paulo Bezerra. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.